

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
GESTOS & FRAGMENTOS: FILMES PARA VER ESTA SEMANA
22 a 29 de maio de 2020

JOGO DE MÃO / 1983

um filme de Monique Rutler

Realização: Monique Rutler / **Argumento:** Monique Rutler, Gonsalves Preto, Eduardo Guerra Carneiro / **Direcção de Fotografia:** Mário Barroso / **Cenários:** Fernando Filipe / **Música:** Luís Cília / **Som:** Carlos Alberto Lopes / **Montagem:** Monique Rutler / **Interpretação:** João Lagarto (Roberteiro), Júlio César (Alberto), São José Lapa (Isabel), Fernando Gomes (realizador), Zita Duarte (Maria), João Calvário (José), Teresa Roby (Teresa), Carlos Wallenstein (António Cardeal), Isabel de Castro (Maria de Jesus), Orlando Costa (Manuel), Maria N'Zambi (Carolina), Marina Bairrão Ruivo (assistente), Baptista Fernandes (Coronel), Márcia Breia (Maria Madalena), Laurinda Ferreira (Tininha), José Wallenstein (Cardeal em jovem), etc.

Produção: Paisá / **Produtora Executiva:** Isabel Branco / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, 109 minutos / **Estreia comercial:** Quarteto, a 29 de Junho de 1984.

Muito curioso, este olhar de Monique Rutler sobre a sociedade lisboeta de princípios da década de 80. Visto de hoje, quase quarenta anos depois (o filme estreou em 1984, mas teve apresentação pública em 1983 e a rodagem foi em 1982), parece-nos que o seu interesse cresceu: **Jogo de Mão** capta uma Lisboa que ainda não é bem a que conhecemos dos nossos dias, uma sociedade um pouco diferente da contemporânea. O cinema também tem este tipo de função “arqueológica”, e lembrá-lo a propósito do filme de Monique Rutler não significa que se esteja a menorizá-lo, pois para que um filme cumpra essa função tem, em primeiro lugar que se abrir a ela. E que **Jogo de Mão** se presta a isso, que há nele a intuição ou o pressentimento de que está a fixar o retrato de um tempo, isso parece-nos razoavelmente evidente.

Encontramos aqui um retrato português de uma sociedade em mutação, por entre desagregações e “reconversões”. Menos de dez anos decorridos sobre o 25 de Abril, **Jogo de Mão** mostrava um mundo onde, por assim dizer, coexistiam vários mundos. São quatro histórias diferentes – unidas, tipo “fil rouge”, pela personagem do marionetista (João Lagarto), espécie de “coro”, e pela equipa cinematográfica que cruza vários episódios (e que é mais explorada, em termos narrativos, no terceiro episódio).

Parece bastante nítida uma dimensão desencantada, em termos sociais e em termos políticos. Estamos já bastante longe das euforias “revolucionárias” dos anos 70 – e é exactamente para um mundo “congelado” que **Jogo de Mão** nos convoca imediatamente, no primeiro segmento, sobre as tropelias de um “marialva” de bairro

(excelente Júlio César). Personagem que se diria tipicamente lisboeta, ela é filmada sem qualquer espécie de cumplicidade: anda em círculos e mais círculos, de expediente em expediente, de mulher em mulher. Não por acaso, a personagem é abandonada, no fim do segmento, num plano em "paralítico": maneira de "fixar" a personagem, mas sobretudo maneira de lhe negar um futuro que, de qualquer modo, ela parece não ter.

Alguns aspectos avultam no retrato, ou nos retratos, feitos pelo filme de Monique Rutler. Por um lado, as variações de classe, que se tornam particularmente evidentes no derradeiro episódio, com um conjunto de personagens que é uma espécie de "estufa" da organização social do antigo regime (e o plano de abertura desse episódio, o longo plano do jantar em que se celebra a recuperação, pelo Dr Cardeal, da propriedade do jornal que perdera, eventualmente por altura das "nacionalizações"). A caracterização das personagens é bastante evidente quanto ao mundo a que alude, e toda a história, tragicómica, é como uma história de fantasmas – a morte, no fim, é mais uma "reiteração" de morte do que outra coisa, um atestado de falência de um modelo de sociedade. Nos outros episódios também não se vê muito optimismo, seja na história do casal de vendedores ambulantes (gente da periferia rural lisboeta, que abre o filme a um universo mais vasto do que o estritamente urbano) seja na história da estudante universitária que mergulha no "bas fonds" e no Cais do Sodré para pagar uma ida para França (e, já agora, no retrato caricatural que se faz da "troupe" cinematográfica que tem nesse episódio uma espécie de narrativa paralela).

Outra coisa interessante é a perspectiva feminina sobre os homens, como se **Jogo de Mão** também filmasse uma "falência da masculinidade". Vaidosos e aldrabões (primeiro episódio), bêbedos e violentos (Orlando Costa no segundo), fracos e manipuláveis (João Calvário no terceiro), poltrões e covardes (não só Wallenstein na pele do magnata morto-vivo mas também o Coronel, interpretado por Baptista Fernandes). As personagens mais fortes, mesmo que não necessariamente as mais "positivas" (Teresa Roby na sua oportunista estudante/prostituta, mesmo Zita Duarte na mulher sofredora e submissa) acabam por ser as mulheres. São, pelo menos, as que mais e melhor resistem – e o símbolo perfeito disso aparece no plano final, com a extremamente ambígua reacção de Isabel de Castro ao telefonema.

Luís Miguel Oliveira